



ENSAIO

ACERVO GRUPO DE ESTUDOS ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE

Uma possível e breve análise das ocupações da Primavera Secundarista

EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E EXPERIÊNCIA



Editorial

Revista apresentada por Luana Mendes da Silva como conteúdo avaliativo da disciplina *Sobre ser Artista Professor*, ministrada pela Prof. Dra. Jocielle Lampert, no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Luana é mestranda em Teoria e História da Arte pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A Disciplina *Sobre ser Artista Professor* trata sobre métodos, ferramentas e referências do ensino e aprendizagem, sobre as nuances e congruências entre ser professor, artista e pesquisador no contexto escolar. Busca promover relações entre o fazer artístico e o ensino da arte, bem como possibilidades de pesquisas cartográficas como forma de ensino e aprendizagem.

Capa: Luana Mendes - Instalação/2011



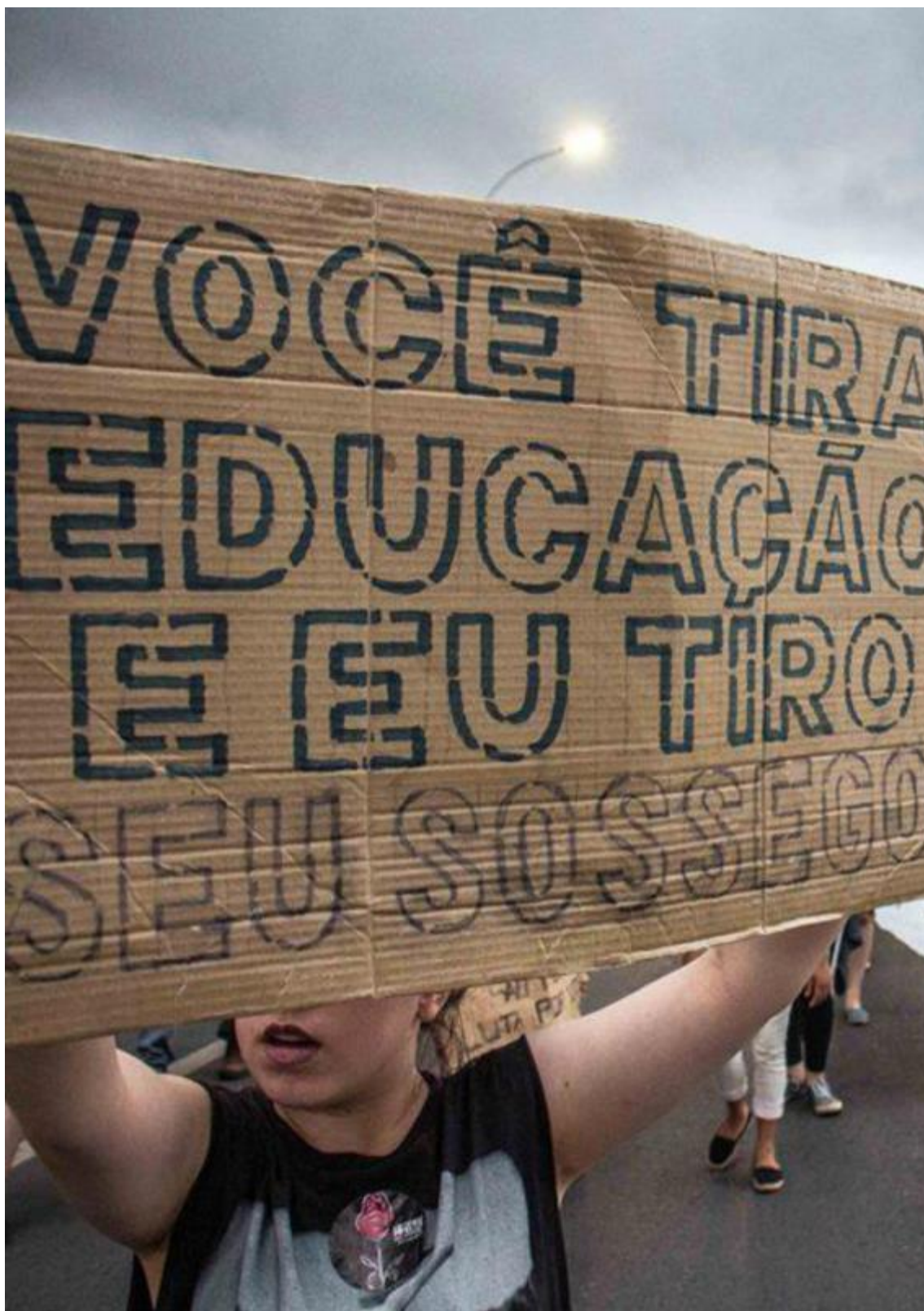
3 a primavera secundarista como
possível instrumento de
reconstrução da democracia no
ambiente escolar
luana mendes da silva

15 depoimento de uma estudante
gabriela barczyszyn

16 depoimento de um fotógrafo
gabriel dietrich

17 memorial fotográfico





PRIMAVERA SECUNDARISTA



A PRIMAVERA SECUNDARISTA COMO POSSÍVEL INSTRUMENTO DE RECONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Luana Mendes da Silva

A situação política

É chamado de 'Primavera Secundarista' o movimento, iniciado no Paraná no ano de 2016, organizado contra certas medidas adotadas pelo governo interino de Michel Temer, como a PEC 55 e a chamada 'reforma do ensino médio', por meio da medida provisória 746. Grosso modo, a medida coloca em risco uma série de direitos e paralisa por 20 anos os investimentos públicos destinados à educação.

Desse movimento, surgiram ocupações de escolas por todo o Paraná, o que depois se estendeu a outros estados, institutos federais, universidades e núcleos regionais de educação. Demonstrando grande adesão, o site Ocupa Paraná (acesso no dia 08/12/2016), contabilizou 836 escolas ocupadas (aproximadamente 38% das escolas do Paraná), 14 universidades e 3 núcleos regionais de educação, além de grandes manifestos e atos públicos em apoio ao movimento em todo o país. Ao longo das ocupações e manifestações dos estudantes, os professores também aderiram ao movimento declarando greve estadual, forçando o governo a declarar recesso escolar em todo o estado.

O movimento sofreu dura repressão do governo estadual, com tentativas de reintegração de posse, bem como ataques de milícias de direita, e um grande descaso da grande mídia.

Foto: Gabriel Dietrich/Revista Vírus



Frente a um movimento de tão grandes proporções, que mexeu com a rotina e o cotidiano de tantos estudantes a nível estadual, podemos indagar acerca das transformações ocorridas nas relações dessas pessoas com o ambiente e a sociedade escolar. Neste trabalho, farei uma possível relação entre a filosofia de John Dewey e o movimento de ocupações das escolas no Paraná, no que concerne aos conceitos de experiência, democracia e educação.

A filosofia de John Dewey

John Dewey (1859 - 1952) filósofo americano, associado a corrente pragmatista, ficou conhecido por suas teorias a respeito da educação progressista, bem como arte e experiência estética. Em sua obra *Arte como Experiência*, publicado em 1912, Dewey conceitua a experiência e difere os termos experiência comum, experiência estética e experiência de caráter estético. Para o autor, nossa vida é feita de contínuas experiências, pois estas são consequências das interações com todas as condições a nossa volta, ambientais, sociais e etc. Porém, as experiências se diferem quanto à intensidade emocional/intelectual e à consciência dos processos que as envolvem. Esse ponto é crucial para o raciocínio que proponho.

A experiência comum, também apresentada como experiência banal ou prática, trata-se de uma experiência incipiente, sem profundidade, e sem consciência dos

processos, do percurso e da conclusão de algo. Tais experiências podem ser exemplificadas com nossas experiências rotineiras, que fazemos no dia-a-dia mecanicamente, nas quais se tem um objetivo final, mas em que a totalidade do processo e o percurso percorrido para chegar ao resultado não são conscientes e nem importantes.

Por outro lado, a experiência singular é uma experiência de caráter evolutivo que se move com um objetivo de consumação de um processo. Dentre outras coisas, ela é caracterizada pela consciência que o sujeito tem de cada etapa e da importância de cada uma delas para a totalidade da experiência. Portanto, na experiência singular, percebe-se a relação entre o fazer e estar sujeito a algo, isto é, às condições externas. Toda ação da experiência singular é consciente e consequência daquilo que precede.

Há ainda outro tipo de experiência, que é a experiência estética. Ela está relacionada à apreciação, à percepção e ao deleite, e é inerente à experiência de criar (um objeto artístico). Neste texto, me debruçarei sobre a experiência singular especificamente e em especial a sua possibilidade de ter um caráter estético, e não na experiência estética propriamente dita e voltada a experiência artística. Dewey (2010, p. 125) aponta que toda experiência que seja completa e consciente, pode ter um caráter estético, e explica que:



"[...] o estético não é algo que se intromete na experiência de fora para dentro, seja pelo Luxo ocioso ou pela idealização transcendental, mas que é o desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa. Essa é a realidade que considero a única base segura sobre a qual se pode erigir a teoria estética."

Ou seja, o estético não seria uma qualidade atribuída à experiência, mas algo construído de dentro da experiência, do processo da experiência, do processo da experiência consciente. Uma experiência singular, consciente e total, não necessariamente trata-se de uma experiência estética, mas, por sua configuração, pode ter um caráter estético. De acordo com Clements (2013, n.p.), a mensagem de Dewey é a de que "somos moldados pela experiência e, portanto, a experiência também é, então, a melhor ferramenta para ajudar as pessoas a ganhar uma nova compreensão".¹

Seria possível então, traçar um paralelo entre os conceitos deweyanos de experiência com as experiências vivenciadas pelos estudantes antes e durante as ocupações? Isto é, seria cabível uma interpretação deweyana das ocupações? E, mais ainda, quais seriam as possíveis consequências dessas experiências para uma futura relação de tais estudantes com o ambiente escolar?

¹ Tradução livre. No original: "we are shaped by experience and so experience is also then the best tool for helping people gain new understanding".



Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Virus





Foto: Gabriel Dietrich/Revista Virus

Uma interpretação deweyana da primavera secundarista

Podemos avaliar o sistema e organização escolares atualmente como bastante precárias e retrógradas. Os estudantes se mostram cada vez menos interessados nas aulas, pois a organização e a estrutura do sistema escolar não faz sentido para eles. São diversos os exemplos, desde a organização da sala em fileiras, às disciplinas desconexas entre si. Nos termos de Dewey (2010, p. 117), essas seriam tarefas que promovem “[...] a monotonia, desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual”. Talvez o exemplo mais crítico seja o atual objetivo do aprender centrado apenas no vestibular. Ao que parece, está implícita a ideia de que não importa o que você aprendeu ou o que vivenciou nos anos de experiência escolar: desde que você passe no vestibular, todo o caminho percorrido não interessa, o conhecimento adquirido não terá outra utilidade.





Foto: desconhecido, Escola São Miguel



Foto: desconhecido, Colégio Estadual Conselheiro Carrão

Em grande parte, os estudantes não estão interessados em fazer parte da comunidade escolar e ajudar a construir mudanças que resignifiquem o processo de experiência e aprendizado do ciclo escolar. Todo o processo de aprendizado é mediado por outros sujeitos, como professores e diretoria escolar, pais e etc. O estudante não tem consciência dessa experiência como um todo integral, onde cada disciplina, cada professor, cada dia vivido dentro da escola seja parte de um processo intenso e singular de aprendizagem. Onde não só o vestibular é objetivo final, mas o aprendizado e a construção do pensamento crítico para que possa fazer parte da sociedade (e da reconstrução permanente dessa sociedade). Dessa maneira, a experiência da vivência escolar e do aprendizado seria análogo ao conceito de experiência *banal*, (também chamada de 'experiência prática' ou 'mecanicista'), ou

experiência inestética, como define Dewey (2010, p. 116):

[...] em muito de nossa experiência, não nos interessamos pela ligação de um incidente com o que veio antes e o que vem depois. Não há um interesse que controle a rejeição ou a seleção atenta do que será organizado na experiência em evolução. As coisas acontecem, mas não são definitivamente incluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza. Cedemos de acordo com a pressão externa ou fugimos e contemporizamos. Há começos e cessações, mas não inícios e conclusões autênticos. Uma coisa substitui outra, mas não absorve nem a leva adiante. Há experiência, porém ela é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular. É desnecessário dizer que tais experiências são inestéticas.

Como apontam Tonieto e Fávero (2012, p. 9), a educação tem uma função social na filosofia deweyana, "que assegura a direção e o desenvolvimento dos imaturos, por meio de sua participação na vida da comunidade a que pertencem"; por isso, "uma sociedade que almeja





Foto: desconhecido. Escola Estadual João Rezende



Foto: desconhecido. Colégio Afonso Pena

‘mudança’ e faz da ‘transformação’ um ideal de vida, necessita ter normas e métodos educativos diferentes daqueles de sociedades que não aspiram a semelhantes ideais”. Não me refiro aqui a uma mudança radical do sistema educacional e suas formas e organizações, embora acredite que essa mudança seja necessária e fundamental; especificamente, refiro-me a uma mudança significativa do pensamento e da participação do estudante dentro da sociedade escolar - o que seria uma base importante para a transformação do sistema educacional.

Portanto, quando os estudantes saem às ruas para protestar, e, ainda mais, quando ocupam as escolas, se dá o início do processo de protagonismo da própria experiência que até então era mediada por outros. Pois é patente que as ocupações não têm como objetivo apenas paralisar as atividades nas escolas, mas também trazer o

estudante para um novo tipo de vivência dentro da escola: aulas e oficinas dos mais diversos tipos são ministradas (desde palestras a atividades artísticas e culturais como dança, apresentações musicais, teatro, dinâmicas, etc.).

Com isso, os estudantes passaram a fazer parte da vida escolar mais intensamente do que quando “apenas” estudantes. As cantinas e cozinhas também foram ocupadas, onde eles se organizavam na arrecadação de alimentos, no preparo das refeições, na distribuição. Os estudantes também passaram a fazer parte da comunicação entre a escola e a sociedade, com a divulgação das assembleias, das atividades a serem realizadas nas escolas, com convites a diversos profissionais, e com a organização de atos e manifestações.





Fazer parte politicamente da organização de uma instituição faz com que o sujeito tenha mais consciência de todo o sistema que é responsável para que ele possa estar dentro da sala de aula estudando. Clements (2013, n.p.) afirma que uma das teses deweyanas é baseada na crença de que “a individualidade só pode ser adequadamente expressa se o indivíduo participa das práticas democráticas, pois a investigação social é uma parte constitutiva do bem individual”;² assim, seria necessário:

[...] permitir que o aluno interaja com os assuntos que ele está aprendendo - criar novas experiências e refletir sobre suas experiências passadas como uma maneira de obter entendimentos novos e melhores. Na base, o que ele [o estudante] procura é a aprendizagem experiencial, ao invés da aprendizagem através da memorização ou das aulas.³

² Tradução livre. No original: “individuality can only be properly expressed if the individual participates in democratic practices, since social inquiry is a constitutive part of the individual good”.

³ Tradução livre. No original: “[...] you have to allow the student to interact with the subjects they are learning - to create new experiences and reflect on their past experiences as a way of gaining new and greater understandings. At base, what he’s after is experiential learning rather than learning through memorization or lecturing”.





Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Virus. Reintegração de posse do Colégio Estadual Pedro Macedo - Curitiba.

Por isso argumento que a vivência dos estudantes no ambiente escolar enquanto ocupação pode ter promovido uma *experiência integral*, isto é, a consciência de uma organização dinâmica - que leva tempo para ser completada e que promove crescimento. Significar as partes do processo e os atos sucessivos faz parte da construção da experiência singular, como aponta Dewey (2010, p. 114-115):

Entre os polos da inexistência de propósito e da eficiência mecânica, situam-se os cursos de ação em que os atos sucessivos são perpassados por um sentimento de significado crescente, que é conservado e se acumula em direção a um fim vivido como a consumação de um processo.





Foto: Desconhecido. Ato contra a Reforma do Ensino Médio em Maringá

Nesse pensamento, as ocupações do movimento Primavera Secundarista seriam responsáveis por possivelmente transformar a experiência dos estudantes com a escola, que (para usar a terminologia de Dewey) antes era uma experiência banal (de caráter inestético) em uma experiência singular (de caráter estético). Isto é, uma experiência que faça essa parcela engajada dos estudantes tomar consciência de todo sistema educacional, desde a organização

escolar ao processo de aprendizagem, como uma relação entre o fazer e estar sujeito a algo, em uma experiência de caráter estético. Dewey (2010, p.131) explica que:

(...) na medida em que o desenvolvimento de uma experiência é controlado, em referência a essas relações imediatamente sentidas de ordem e realização, essa experiência passa a ter uma natureza predominantemente estética. O impulso para a ação torna-se um impulso para o tipo de ação que resulta em um objeto satisfatório na percepção direta.



Não seria uma experiência estética, pois não se trata de uma criação artística, mas uma experiência de caráter estético, aquela singular, em que se tem consciência de estar sujeito às condições externas, e da importância de todas as etapas do processo na construção de um todo significativo. Segundo Dewey (2010, p.115):

Por si só, isso não é arte, mas é um sinal, creio eu, de que o interesse não recai exclusivamente, ou talvez não principalmente, no resultado considerado em si (como no caso da mera eficiência), mas sim no resultado como desfecho de um processo. Há interesse em concluir uma experiência.

A transformação da experiência traria consigo a transformação do processo de aprendizagem. Aprender não se limitaria apenas em conteúdos aleatórios de disciplinas desconexas, mas seria uma grande rede de significações e de construção de um pensamento crítico e modificador. Dewey (1959a, p.84) afirma que “aprender é aprender a pensar. Pessoas que pensam são cautelosas, não precipitadas; olham em torno, são circunspectas, não andam às cegas”. Desse modo, *ensinar a pensar* seria um dos principais papéis da educação. Também para Tonieto e Fávero (2012, p. 14):

Talvez esse seja um dos grandes desafios a ser enfrentado pela escola, seja ela pública ou privada, pois educar na democracia e para a democracia continua sendo um dos mais nobres objetivos sociais e políticos de todo e qualquer processo educativo que busque fortalecer intelectualmente e

politicamente as futuras gerações. A escola enquanto instituição formal de ensino não se faz somente de ideais, porém não sem eles. São eles que fomentam, dirigem e possibilitam novos modos de ação no cotidiano escolar, por isso para Dewey democracia e educação são indissociáveis a ponto de converterem-se em credo pedagógico.

Estar ciente de estar fazendo parte de todo esse processo é ser agente transformador e de manutenção da sociedade democrática, tendo em vista que a reconstrução permanente dessa sociedade é fundamental para sua efetivação.

Foto: Gabriel Dietrich/Revista Vírus. Reintegração de posse do Colégio Estadual Pedro Macedo - Curitiba.



Podemos entender o conceito democracia como descrevem Tonieto e Fávero (2012, p. 2) que “sem os eufemismos ou distorções que facilmente pode sofrer, significa o exercício do poder transparente, público, visível, pelo qual o povo pode expressar sua vontade, fiscalizar seus escolhidos, decidir como quer ser governado”. Porém, apenas expressar vontades e escolher governantes não seria o exercício pleno da democracia, mas ser agente transformador da sociedade em que vive. Para Tonieto e Fávero (2012, p. 8), “escolher pelo sufrágio popular o próprio governante não é fator suficiente para dizer que tal sociedade ou associação vive de forma democrática”.

Para Dewey (1959b, p. 93), a democracia “[...] é mais do que uma forma de governo; é, principalmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada”. Nesse ponto, Tonieto e Fávero (2012, pp. 8-9) afirmam que:

Essa forma de vida associada e comunicada conduz a que os indivíduos sejam incentivados a variar seus atos, tenham uma diversidade maior de estímulos e consigam, assim, ampliar seu campo de interesse, passando a pautar suas próprias ações pelas ações dos outros e a considerar as ações alheias para orientar e dirigir as suas próprias. [...] Contudo, sua existência (democracia) não é garantia de sua permanência. Por isso, sua conservação e ampliação exigem esforço constante de todos os envolvidos, aspecto em que a educação se faz imprescindível [...]. É por isso que para Dewey a ciência, a filosofia e a educação

devem servir de instrumentos na reconstrução permanente da democracia [...].

Por isso, tal transformação do espaço escolar e da experiência do estudante pode ter como consequência a transformação da sociedade no futuro, fazendo com que a educação cumpra sua função social - já que para ter uma sociedade diferente, primeiro é preciso a transformação da educação. O estudante vivenciando uma experiência, de caráter estético, torna o ambiente escolar mais democrático, pois passa a fazer parte conscientemente da organização da sociedade escolar.

Pode parecer utópico, mas, segundo Tonieto e Fávero (2012, p.10) ter “fé na capacidade inteligente do homem e fé na democracia são os dois pilares instituídos por Dewey para assegurar as condições da livre investigação e da livre comunicação”. Por isso argumento que é preciso ter fé e acreditar que a mudança esteja acontecendo, em sua raiz, mesmo que a passos lentos, pela experiência singular dos estudantes.



Referências

CLEMENTS, Alexis. "Reconsidering John Dewey's Art as Experience". *Hyperallergic*. Disponível em: <http://hyperallergic.com/67081/reconsidering-john-deweys-art-as-experience/>, 2013.

DEWEY, John. *Arte Como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010, - (Coleção Todas as Artes).

DEWEY, John. *Como Pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

TONIETO, Carina; FÁVERO, Altair Alberto. *Contribuições da filosofia de John Dewey para a Educação: A democracia como Credo pedagógico*. *Anais do 9º Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, v. 29, 2012.

Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Virus. Colégio Estadual Pe. Arnaldo Jansen - São José dos Pinhais.



Depoimento de uma estudante

Eu sou aluna do 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Rodrigues Alves em Maringá, faço parte do Grêmio Estudantil.

Eu particularmente tenho acompanhado de perto as questões políticas, e quando foi divulgada a MP746/2016 que apresentava mudanças no Ensino Médio e a PEC241 ou PEC55 que limita os gastos públicos durante 20 anos, fiz questão de me informar do que se tratava. Nós como alunos concordamos que deve haver mudanças no Ensino Médio, porém propostas debatidas e conversadas com os alunos e professores, propostas que sejam viáveis e que mantenham obrigatoriedade das disciplinas que desenvolvem a maneira de se expressar e o senso crítico. Sabemos também que o nosso país esta vivendo uma crise econômica e que algumas medidas precisam ser tomadas, mas cortar gastos com saúde e educação não é o melhor caminho. Como estudantes de escolas públicas, sabemos qual é a verdadeira situação dos colégios, a estrutura esta caindo aos pedaços, a verba que o Governo manda é insuficiente para manter o colégio em funcionamento quiçá fazer reformas. Com isso nós estudantes nos vimos na obrigação de lutar contra essas propostas do governo, e então ocupamos nossas escolas. Assumimos essa responsabilidade, recolhíamos alimentos, cozinhávamos e limpávamos nossos colégios, também fomos atrás de atividades para serem realizadas durante as ocupações, tínhamos um controle de quem entrava e saia dos colégios. Aguentamos ao máximo, alguns colégios desocuparam primeiro, outros permaneceram por mais tempo. Nós não desistimos da nossa causa, foi um movimento muito bonito, contamos com o apoio e a solidariedade de muitos, foram semanas difíceis, e nós já tínhamos consciência de que seria, sabíamos dès de o inicio a pressão que passaríamos com os movimentos que a qualquer custo queriam desocupar nossos colégios, que a mídia ficaria atenta a cada possível deslize nosso, que alguns pais e até alunos se revoltariam, por desconhecimento da causa, contra nós, mas resistimos, esse era o nosso lema "Ocupar e Resistir". Depois que desocupamos tentamos esclarecer aos alunos e pais como foi o movimento, dès de o que nos levou a ocupar, como foi o funcionamento e sobre as desocupações. Hoje sinto o colégio muito mais politizado, os alunos tem se interessado mais pelo que esta acontecendo em nosso país, e isso é muito satisfatório para nós. Continuamos atentos e unidos, nos mobilizando na cidade toda, oferecendo debates sobre essas e outras questões sociais para que cada vez mais as pessoas se interessem pelo assunto, já que a ignorância não é um bom caminho. E se como jovens, nós somos o futuro, por que não tentar um futuro mais inteligente e pensante?

Gabriela Barczyszyn dos Santos
15 anos



Depoimento de um fotógrafo

O movimento de ocupações foi uma experiência intensa, de troca e aprendizado. Durante aproximadamente um mês e meio, a rotina foi algo inexistente, as experiências as mais diversas e o aprendizado constante. Já tinha tido uma pequena experiência de vivência em ocupação quando o Iphan de Curitiba foi ocupado em maio desse ano. Mas as ocupações secundaristas (e depois universitárias) foram algo totalmente diferente. O mais impressionante foi ver pessoas tão novas, tão bem organizadas, conscientes e politizadas. Pude conversar com muitos secundaristas - passei por pelo menos oito colégios ocupados - nesse tempo, e ver essa juventude se levantando e lutando, de forma autônoma e auto-organizada foi algo que me encheu de esperança. Todas as rodas de conversa e discussões, todos os atos, os saraus; cada momento foi de formação, política e humana. Tenho certeza que essa experiência vai ser muito marcante para todos os que a viveram, principalmente para esses jovens secundaristas, que além de enfrentarem o preconceito dessa sociedade conservadora, em alguns casos sentiram na pele o ódio do fascismo. Muitos resistiram a ataques de grupos como o Movimento Brasil Livre e grupos de pais e alunos contrários às ocupações, que tentaram desocupar colégios a força. Poder registrar um pouco disso tudo pelo meu olhar foi magnífico. Junto de um grande amigo, o Chico, escrevemos e publicamos três matérias sobre as ocupações. Além de ter feito muitas fotos, que acabaram "sobrando". Uma experiência que vou levar pra sempre, que já me modificou e que, tenho certeza, ainda vai render muita coisa. A juventude de luta faz acreditar num Brasil melhor. Ocupar é resistir!

Gabriel Dietrich - Foto-jornalista





17

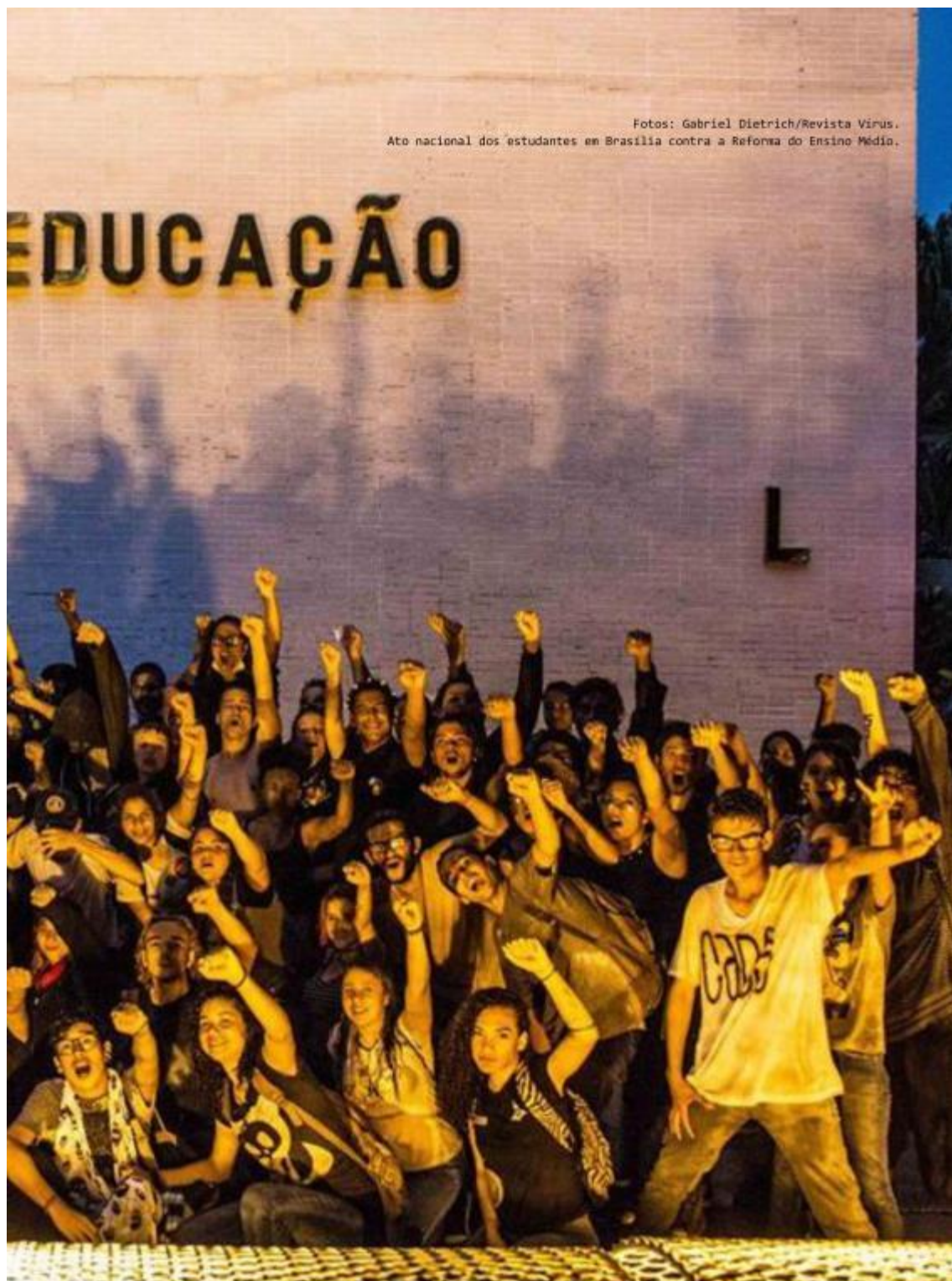




Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Virus. Reintegração de posse do Colégio Estadual Pedro Macedo - Curitiba.











Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Vírus.



REVISTA APOTHEKE

v.6, n.1, ano 3, julho de 2017

ISSN 2447-1267



Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Virus. Colégio Estadual Pe. Arnaldo Jansen - São José dos Pinhais. Primeira escola a ser ocupada no Paraná.





REVISTA APOTHEKE

v.6, n.1, ano 3, julho de 2017

ISSN 2447-1267





Fotos: Gabriel Dietrich/Revista Vírus.
Ato nacional dos estudantes em Brasília contra a Reforma do Ensino Médio.





Fotos: Desconhecido, Colégio Pedro II.

Quem acha
que a juventude
está perdida
não frequentou
nenhuma
escola papada.

Não somos
CONDUZIDOS
CONDUZIMOS



REVISTA APOTHEKE

v.6, n.1, ano 3, julho de 2017

ISSN 2447-1267

REVISTA CONCEBIDA COMO TRABALHO FINAL NA Disciplina Sobre
Ser Artista Professor. PPGAV/UDESC. Profa. Dra. Jociele
Lampert, 2015.

